



INSERÇÃO CAPITALISTA DO BRASIL A PARTIR DA EXPLORAÇÃO ECONÔMICA DO CERRADO

CAPITALIST INSERTION OF BRAZIL FROM ECONOMIC
EXPLOITATION OF THE CERRADO

Por:

Karl Marx de Medeiros

e-Revista Facitec, v.4, n.1, Art.3, jan-jul 2010

http://www.facitec.br/erevista/index.php?option=com_content&task=view&id=9&Itemid=2

Todos os direitos, inclusive de tradução, são reservados. É permitido citar parte de artigos sem autorização prévia desde que seja identificada a fonte. A reprodução total de artigos é proibida. Os artigos só devem ser usados para uso pessoal e não comercial.

Em caso de dúvidas, consulte a redação: revistafacitec@facitec.br.

A e-Revista Facitec é a revista eletrônica da FACITEC, totalmente aberta, inaugurada em Janeiro de 2007, com perfil acadêmico, é dedicada a professores, pesquisadores e estudantes. Para mais informações consulte o site www.facitec.br/erevista.



INSERÇÃO CAPITALISTA DO BRASIL A PARTIR DA EXPLORAÇÃO ECONÔMICA DO CERRADO

CAPITALIST INSERTION OF BRAZIL FROM ECONOMIC EXPLOITATION OF THE CERRADO

RESUMO

O presente artigo enfoca o processo de ocupação e exploração do centro-oeste com ênfase no contexto da sustentabilidade econômica. A vocação da região com poucos acidentes físicos e com vegetação típica de cerrado tem um perfil ideal para o projeto nacional de desenvolvimento econômico capitalista. Desde 1930 até o início do século XXI que esse processo ocorre de forma acelerada e vem se expandindo. Os conhecimentos sobre os aspectos ambientais que surgem a partir da década de 90 se inserem na preocupação de desenvolver e integrar a região, gerando ocupação humana com exploração econômica, predominando majoritariamente a exploração agropastoril e turística, o que ajuda a preservar grande parte dos recursos naturais. O autor se preocupa com os rumos que a exploração econômica da região possa tomar no sentido de se implantar uma nova definição para o que seja desenvolvimento sustentável e cumprir as exigências de uma economia capitalista que visa ao lucro.

Palavra-Chave: Sustentabilidade, ocupação humana, exploração econômica.

ABSTRACT

This article focuses on the process of occupation and exploitation of the mid-west with emphasis in the context of economic sustainability. The vocation of the region with few accidents with physical and vegetation typical of the cerrado has a perfect profile for the national project of capitalist economic development. From 1930 until the beginning of the XXI century that this process occurs so rapidly and has been expanding. The knowledge on environmental issues that arise from the 90's fall in the concern to develop and integrate the region generating human occupation with economic exploitation, especially to mostly holding Agropastoril and tourism, which helps to preserve a large part of natural resources. The author is concerned with the direction that the economic exploitation of the region to take in order to deploy a new definition to what is sustainable development and meet the demands of a capitalist economy that seeks to profit.

Word-Key: Sustainability, Human Occupation, Economic Exploitation



INTRODUÇÃO

Apesar das empresas estarem internalizando na cultura corporativa temas, tais como, sustentabilidade, meio ambiente e responsabilidade social, que compõem o balanço social, existe uma lacuna entre as propostas apresentadas pelas consultorias na área qualidade, sustentabilidade e meio ambiente com o atual paradigma industrial conhecido como: “EXTRAIR-PRODUZIR-DESCARTAR”. Assim, o mundo produtivo necessita de profissionais gabaritados para elaborar projetos com nível de maturidade ao longo do processo produtivo, com resultados a curto, médio e longo prazo, e de administradores que pensem além do modelo atual.

É importante identificar os recursos naturais e sua evolução histórica, sua ocupação e inserção no macrocosmo mundial e nacional, a partir da análise dos diversos discursos desenvolvimentistas, que podem ter como referência o período conhecido como Revolução de 30, com a figura populista de Getúlio Dorneles Vargas, aprofundando-se no período do golpe militar de 1964, com seu final em 1985, quando há a reinauguração e reconstrução da democracia interrompida, na chamada, do ponto de vista econômico, década perdida. O mesmo raciocínio tem continuidade na década de 90, mas com rumos de desenvolvimento que perpassam pela privatização e redução do Estado nacional.

A visão desenvolvimentista predominou no país nos últimos cinquenta anos. A ocupação e exploração do espaço físico geraram um determinismo econômico, refletindo-se na ocupação e exploração do cerrado brasileiro como uma necessidade do mercado exportador, numa conquista irreversível, reflexo da necessidade do Brasil integrar-se ao sistema capitalista mundial.

O limite físico da região do alto Corumbá, a partir da Serra dos Pireneus, localizada no Parque Estadual dos Pireneus, pode servir de ponto de partida para a aplicação de novas práticas de sustentabilidade, o



que não nos causa surpresa, pois a realidade lá existente demonstra que a sustentabilidade é viável. Não ficamos tristes com os impactos ambientais da Pedreira da Prefeitura, localizada no município de Pirenópolis, mas, ao mesmo tempo, pudemos constatar que o desenvolvimento não pode ser divorciado do social, e tal princípio deve ser aplicado em todo espaço físico geográfico do bioma cerrado, se queremos, de fato, que as futuras gerações venham a conhecê-lo

Na presente análise, ao fazermos uma retrospectiva histórica do que encontramos, verificamos o que o homem modificou ao longo dos últimos cinquenta anos, com sua ocupação, que teve início com o desbravamento nos séculos XVI e XVII, na busca de metais e pedras preciosas. Essa ocupação, ao longo dos caminhos abertos e das trilhas que foram sendo ocupadas por lugarejos e vilas e que, através do tempo, se tornaram referência histórica dos desbravadores e exploradores, rastros que permanecem até hoje, são visíveis cerrado adentro. Lugares em que ainda é possível identificar obras feitas por escravos, vestígios da exploração de minas, sejam de ouro, ou pedras diversas, de um cerrado tão rico, que o homem não conseguiu acabar. Cora Coralina e Guimarães Rosa são para nós dois grandes pilares que cantaram na literatura e na poesia a grande riqueza desse "sertão cerrado", com suas veredas incomuns, que representam a beleza e a riqueza exótica da sua flora.

Diversos aspectos que caracterizam o bioma cerrado são hoje direcionados para a questão da sustentabilidade. Discute-se a viabilidade de sua efetivação como processo de transformação na relação homem e ambiente. Nossa viagem de reflexão sobre o cerrado deve ser vista como o início de uma nova fronteira. Essa região, pelo fato de sua cobertura vegetal se encontrar em bom estado natural em vários pontos e o estado de consciência ambiental existente ser mais recente, serve para construir atitudes e comportamentos ambientais entre fazendeiros, moradores e funcionários, como também atrair turistas que demandam a região nos finais de semana, feriados e período de férias, construindo um marco de



modelo econômico baseado no tripé exploração sustentável, preservação e valorização social. Assim, nos permite visualizar *in loco* os resultados práticos dessas atividades econômicas que buscam o desenvolvimento procurando reduzir o processo de impacto e degradação.

Há, na própria concepção do desenvolvimento sustentado, ou ecodesenvolvimento, segundo o especialista em desenvolvimento sustentável, Ignacy Sachs, argumentos que podem justificar o desenvolvimento, mantendo a preservação de locais de lazer, frequentados por uma determinada população que se encontra para o lazer, a alimentação ao ar livre e demais atividades com caráter semelhante, desde que os aspectos culturais sejam efetivamente considerados. Segundo Sachs (2002, p.33):

É um estilo de desenvolvimento que, em cada ecoregião, insiste nas soluções específicas de seus problemas particulares, levando em conta os danos ecológicos da mesma forma que os culturais, as necessidades imediatas, como também aquelas de longo prazo.

Sabemos que qualquer alteração significativa no meio ambiente, em um ou mais de seus componentes, causada pela ação antrópica, gera desequilíbrios ambientais que custarão muito caro sua recuperação. A Resolução do CONAMA nº. 001, de 23/01/86, reafirma que:

Qualquer alteração das propriedades físicas, químicas e biológicas do meio ambiente, causadas por qualquer forma de matéria ou energia resultante das atividades humanas que, direta ou indiretamente, afetem os aspectos a seguir destacados como:

- (I) A saúde, a segurança e o bem-estar da população;
- (II) As atividades sociais e econômicas;
- (III) A biota;
- (IV) As condições estéticas e sanitárias do meio ambiente;
- (V) A qualidade dos recursos ambientais."

É causadora de impacto ambiental:

Qualquer alteração no sistema ambiental físico, químico, biológico, cultural e socioeconômico, que possa ser atribuída a atividades humanas relativas às alternativas em estudo para satisfazer as necessidades de um projeto, pode ser vista como parte de causa e efeito. (CANTER, 1977, p. 23).



Do ponto de vista analítico, o impacto ambiental pode ser considerado como a diferença entre as condições ambientais existentes, diante da implantação de projetos em que as condições ambientais sejam modificadas, recuperando o que foi degradado por influência antrópica. O bioma cerrado tem sido ao longo dos últimos dois séculos, vítima de práticas antrópicas degradativas e sem nenhum suporte que combata e evite esse processo a curto e médio prazo.

A partir da segunda metade do século XX, elementos inovadores são introduzidos, dentre eles, a concentração de capitais, a apropriação das forças produtivas, as novas técnicas, maquinários e matérias-primas. As indústrias instalam-se destruindo ou redefinindo o meio urbano e rural, produzindo ou ampliando as aglomerações urbanas, modificando as formas de apropriação dos recursos naturais e os modos de relacionamento com o ambiente natural original.

A velocidade de produção de rejeitos da sociedade, o avanço do mundo urbanizado e a força poluidora das atividades bélicas e industriais superaram em muito a capacidade regenerativa dos ecossistemas e a reciclagem dos recursos naturais renováveis, colocando em níveis de exaustão os demais recursos naturais não renováveis. Sachs destaca:

... Que o aspecto cultural deve ser incluído como um dos cinco requisitos essenciais para que ocorra o desenvolvimento sustentado ou ecodesenvolvimento. Os requisitos listados são os seguintes:

- a) sustentabilidade social - está ligada à maior equidade na distribuição de renda e bens;
- b) sustentabilidade econômica - está ligada à redução do abismo norte/sul, deve ser buscada através de um fluxo permanente de investimentos públicos e privada;
- c) sustentabilidade ecológica - está ligada à qualidade do meio ambiente e à preservação das fontes de recursos energéticos e naturais;
- d) sustentabilidade espacial - está ligada à melhor distribuição territorial dos assentamentos humanos;
- e) sustentabilidade cultural - está ligada à necessidade de se evitarem conflitos culturais. Deve ser buscada através da especificidade de soluções para cada local e cultura em particular (SACHS; 1986 *apud* OURIQUES, 1998, p. 86).

A sociedade hoje discute a necessidade de buscar novos caminhos para o desenvolvimento pela mudança do paradigma que envolve



desenvolvimento e exploração capitalista versus sustentabilidade ambiental.

Desde a Revolução Industrial que a humanidade vem sofrendo com problemas referentes ao meio ambiente, causados pela explosão demográfica, pelo intenso crescimento econômico, pelo uso da produção de energia a partir do carvão, pelo mau uso dos recursos naturais e pela degradação ambiental. Reflexo disso foi à perda da qualidade ambiental em diversas partes do mundo, principalmente, nos países da antiga cortina de ferro da época da guerra fria – o leste europeu.

Parâmetro Histórico

Como resgate histórico, a primeira catástrofe ambiental com sintoma da relação inadequada do homem e seu estilo de vida ocorreu em 1952, quando o ar densamente poluído de Londres, *smog*, provoca a morte de 1600 pessoas, chamando a atenção para a questão de sensibilização ambiental, o que levou à aprovação da Lei do Ar Puro pelo Parlamento inglês, em 1956, provocando, em 1960, o surgimento da política ambientalista nos Estados Unidos.

Em 1972 foi realizada a Conferência de Estocolmo, que teve como objetivo estabelecer uma visão global e princípios comuns que servissem de inspiração e orientação à humanidade para a preservação e melhoria do ambiente humano. Para tanto, foi nessa conferência, mediante a Recomendação nº. 96, que a Educação Ambiental foi reconhecida como elemento crítico para o combate à crise ambiental e, conseqüentemente, promoveu o Encontro Internacional sobre Educação Ambiental, realizado em 1975, pela UNESCO, em Belgrado, Iugoslava.

O marco conceitual da evolução da Educação Ambiental ocorreu em 1977, em Tbilisi, Geórgia, ex-União Soviética, com a Conferência Intergovernamental sobre Educação Ambiental, onde se definiram os princípios, objetivos, características, finalidades, estratégias e o conceito



para a Educação Ambiental. Dentre o que foi discutido em Tbilisi, destacam-se três princípios básicos:

1. Considerar o meio ambiente em sua totalidade, isto é, em seus aspectos naturais, político, social, econômico, científico-tecnológico, histórico-cultural, moral e estético;
2. Aplicar um enfoque interdisciplinar, aproveitando o conteúdo específico de cada disciplina, de modo que se adquira uma perspectiva global e equilibrada;
3. Destacar a complexidade dos problemas ambientais e, em consequência, a necessidade de desenvolver o senso crítico e as habilidades necessárias para resolver tais problemas.

Estes três pontos foram também ratificados nos seguintes eventos: Moscou 1987, Rio – 1992, pela agenda 21, Rio+5, em 1997, e no Rio + 10, em 2002.

Houve no Brasil um imenso atraso em relação ao desenvolvimento na Educação Ambiental, quando, durante o regime militar, (1964-1985), se produziram projetos faraônicos que trouxeram enorme degradação ambiental, como a Usina de Carajás, a Usina Hidrelétrica de Tucuruí e a Usina de Itaipu. Apesar disso, o Brasil, devido a pressões do sistema financeiro, como Banco Mundial, e de instituições ambientalistas, criou, em 1973, o primeiro órgão oficial referente ao meio ambiente, a Secretaria Especial do Meio Ambiente-SEMA, mesmo continuando sem uma política ambientalista definida para o País. A exploração dos potenciais energéticos dos nossos rios teve prioridade sem levar em consideração os impactos ambientais. A expansão industrial não se realiza se não tiver fonte energética para sua geração.

Em 1976, realizou-se o primeiro curso de Extensão em Ecologia, numa parceria entre SEMA, a FEDF e a UnB, para professores da rede pública, como a primeira tentativa de introduzir a temática ambiental no currículo do 1º grau. Em 1991, o MEC e o IBAMA elaboraram uma proposta de divulgação e informação das premissas básicas de Educação Ambiental para professores do 1º. grau de ensino, veiculada pela Revista Nova Escola, mais tarde publicada com o nome de Projetos de Informações sobre Educação Ambiental (1992).



Em 1992, ocorreu uma série de iniciativas sobre Educação Ambiental, como a realização da Conferência das Nações Unidas sobre o Desenvolvimento e Meio Ambiente, conhecida como Rio-92, tendo como resultado a divulgação da Agenda 21, considerada um dos primeiros documentos com preocupações com a divulgação da Educação Ambiental.

Em 1993, o MEC instituiu o Grupo de trabalho, em caráter permanente, para implantação da Educação Ambiental, destinando o irrisório percentual de 0,035% do recurso orçamentário do IBAMA para este fim.

A partir daí, apareceram diversos programas na área Ambiental, como, por exemplo: a Escola da Natureza, da FEDF; os programas da SEMATEC (Jaburu e Três Meninas, etc.), e outros cursos ambientais realizados pela SEMATEC em parceria com a FEDF.

Ecologia, ecodesenvolvimento e, agora, sustentabilidade tem sido o trajeto que temos seguido nos últimos cinquenta anos. Podemos dizer que o discurso da sustentabilidade tem a idade de vinte anos. Meio ambiente e desenvolvimento social, ao longo da história, têm andado separadamente, vítimas talvez, da bipolaridade ideológica pós- 2ª. Guerra Mundial. Essa foi uma tendência ao longo dos últimos cinquenta anos.

A dupla face da sustentabilidade

Seria a sustentabilidade um novo modismo capitalista? Uma estratégia para a continuidade da sua dominação sobre as nações periféricas? A globalização, que se sucede à queda do muro de Berlim, representaria uma nova fronteira exploratória para o centro tradicional do sistema se expandir, agora de forma mais ordenada, ou, talvez, usando mecanismos mais sutis de exploração? Para que serviria a Educação Ambiental dentro dos parâmetros da Agenda 21? Essas questões hoje são alvo das discussões que ocorrem em todo o mundo, definindo a



preocupação com os rumos das catástrofes que vêm ocorrendo em vários pontos do planeta.

Contudo, as referências mais explícitas à noção de desenvolvimento sustentável estão sistematizadas nos trabalhos do economista Ignacy Sachs, que desenvolveu a noção de Ecodesenvolvimento, e nas propostas da Comissão Brundtland, que projetaram mundialmente o termo “desenvolvimento sustentável” e o conteúdo da nova estratégia oficial de desenvolvimento na década de 70.

“Sachs, ao formular a noção de Ecodesenvolvimento, propunha uma estratégia multidimensional e alternativa de desenvolvimento que articulava promoção econômica, preservação ambiental e participação social”. “Perseguia, com especial atenção, meios de superar a marginalização e a dependência política, cultural e tecnológica das populações envolvidas nos processos de mudança social (SACHS; 1986; BRUSEKE, 1995; LIMA, 1997).

Quanto ao aspecto local, priorizando a proposta preservacionista no cerrado central do Brasil, conservando-o para as futuras gerações que estão próximas e dentro do bioma cerrado, mas respeitando as diversidades das atividades humanas e ambientais, é a que abrange alguns municípios e cidades do entorno do distrito federal, como: Cocalzinho, Corumbá, Abadiânia, Alexânia, Águas Lindas, Pirenópolis e Santo Antonio do Descoberto, todas localizadas no Estado de Goiás, chamado Ecomuseu do Cerrado. Essa proposta, segundo a pesquisadora Laís Fontoura Aderne:

Tem como missão preservar o Eco-Sistema e a identidade Cultural do Cerrado, propiciando aos seus habitantes uma vida com qualidade e uma economia sustentável (CORREIO BRASILIENSE, 1985, p.33)

O Ecomuseu do Cerrado está sendo criado e desenvolvido por cidadãos, entidades, organizações e instituições do Planalto Central do Brasil, em encontros na cidade de Pirenópolis, no Estado de Goiás. Em oito de agosto de 1998, com apoio da Prefeitura Municipal de Pirenópolis, do IPHAN e tendo a participação das Prefeituras Municipais de Corumbá,



Cocalzinho, Abadiânia, Alexânia, Santo Antônio do Descoberto e de Águas Lindas, juntamente com o Governo do Distrito Federal e o Governo do Estado de Goiás e em parceria com o Ministério do Meio-Ambiente, IBAMA e UNESCO, ocorreu o ato de criação. Essa idéia se encontra em *standby*. Não avançou na década atual devido a vários fatores, dentre eles, econômicos e de envolvimento das comunidades envolvidas e falta de maior participação do poder público no sentido de avançar com essa idéia.

Direitos Humanos

O compromisso com os direitos humanos, com o combate às desigualdades sociais e com a autonomia dos povos em países menos favorecidos, na ordem internacional, é o princípio que une a luta por uma nova sociedade mundial sustentável. Os debates internacionais têm abraçado essa causa.

Na década de 1930, como parte do programa de colonização e ocupação dos vazios demográficos do país, estabeleceu-se a chamada Marcha para o Oeste. Foi fundada a cidade de Goiânia (1933), capital do estado de Goiás, e diversos órgãos governamentais foram criados por Getúlio Vargas, para a colonização, como o Departamento Nacional de Povoamento, que orientava as correntes migratórias e redistribuía terras públicas.

A economia da região centro-oeste, a partir dos séculos XVI e XVII, inclinou-se, inicialmente, pela intervenção dos bandeirantes, pelo interesse na busca de garimpos de ouro e diamantes, e posteriormente, com a criação pastoril. Na década de 60, a transferência da Capital Federal, do Rio de Janeiro para o Planalto Central, gerou o aceleração da ocupação e expansão urbana, o que contribuiu para o desenvolvimento regional, complementado pela exploração agrícola na busca da produção de alimentos.



Essas transformações levaram ao desenvolvimento acelerado do centro-oeste, com a sua ocupação sendo vista como a execução do projeto Celeiro do Mundo. Tal objetivo serviria de suporte para o mundo urbano-industrial, contribuindo para a aproximação do rural com o urbano.

As fronteiras do interior do País começaram a ser desbravadas, em definitivo, com a construção de Brasília. Sua exploração urbana e imobiliária selaria definitivamente a ligação do progresso litorâneo com o interior agrícola e pecuário, produzindo um desenvolvimento industrial que aproveitaria totalmente a produção agropastoril. O centro-oeste teria mais adiante uma nova fronteira – o norte amazônico. O ideal de Vargas de ver o Brasil como celeiro do mundo estava se concretizando.

O discurso nacionalista de Getúlio, em seu segundo mandato (1951-1954), reforça a política urbano-industrial com direitos para a classe operária emergente. A carteira profissional significa *status* social num mundo que se libertara há poucas décadas da escravidão rural. O Estado Novo (1937-1945) foi à expressão ditatorial de um populista moderno e fundamental para as forças produtivas do capital. Não havia nada tão moderno que suplantasse essa nova ordem.

Expansão da Economia Agroindustrial

Segundo dados do IPEA, em 1999, a economia do setor agroindustrial, na região centro-oeste, cresceu em ritmo semelhante ao do país, tendo uma participação de 7,2% no PIB, ou seja, US\$40 bilhões naquele ano. Esse desenvolvimento levou ao crescimento da agroindústria, sendo considerada a maior produtora de sorgo, algodão em pluma e girassol, respondendo, atualmente, pela segunda maior produção de arroz e pela terceira de milho, além de possuir o maior rebanho bovino do país, equivalente a 56 milhões de cabeças, majoritariamente, localizadas no Mato Grosso do Sul. As indústrias estão todas voltadas para



o setor de alimentação, de produtos e insumos, como adubo, fertilizantes e rações, contando ainda com frigoríficos e abatedouros. Sob o ponto de vista mineral, tem reservas de manganês, localizadas no maciço do Urucum, no Pantanal, que ainda não foram suficientemente exploradas.

O Desbravamento, de fato, foi contingenciado pela vocação territorial do país, e a necessidade do ingresso no contexto capitalista mundial da região centro-oeste representou também uma exigência da modernidade industrial iniciada no Estado Novo e continuada com a construção da nova capital e expansão nacionalista do regime militar pós-64, que muito se aproveitou da experiência varguista. Essas bases nacionais de projeto de uma nação capitalista hoje se ampliam com a expansão das fronteiras da produção de grãos, que tem contribuído positivamente para o crescimento da balança comercial brasileira.

As exportações da Região Centro-Oeste, de janeiro a outubro de 2001 (IPEA), apresentaram crescimento de 36,1% em comparação com o mesmo período de 2000, passando de US\$ 1,591 bilhões para 2,167 bilhões de dólares. Os maiores destaques da região foram as vendas do Distrito Federal, que pularam de US\$ 1 milhão para US\$ 6 milhões, um aumento de 500%, sendo a maior taxa de variação relativa entre os Estados. Os principais produtos exportados pelo DF foram: soja em grão, combustíveis para consumo de bordo, partes para motores diesel e algodão em pluma.

Os demais estados da Região também apresentaram crescimento nas vendas ao exterior. Mato Grosso do Sul exportou, de janeiro a outubro de 2001, 102% a mais que no mesmo período do ano anterior, concentrando maiores volumes em farelo de soja, carne de frango e bovina. Goiás teve um aumento de 13,9%, motivado pelas vendas de açúcar em bruto, algodão em pluma e couro *wet blue*. Já o estado de Mato Grosso cresceu 32,3%, devido, principalmente, à exportação de soja em grão, algodão em pluma, madeira e açúcar refinado.



A balança comercial brasileira apresentou, em outubro de 2001, superávit de US\$ 249 milhões, registrando exportações no valor de US\$ 5,003 bilhões e importações de US\$ 4,754 bilhões (IPEA). No acumulado de janeiro a outubro de 2001, a balança comercial registrou um superávit de US\$ 1,498 bilhões, com US\$ 49,377 bilhões para as exportações (recorde histórico para o período) e US\$ 47,879 bilhões para as importações (IPEA).

Ao longo dos últimos cinquenta anos, a contribuição do cerrado para o *superávit* da balança comercial foi surpreendente. Independente das crises econômicas por que passamos que não foram poucas, começando pelos idos da Revolução de 1930, quando Getúlio Vargas viu a possibilidade do Brasil se tornar o celeiro do mundo, evoluindo para o período desenvolvimentista do governo Juscelino Kubitschek, e avançando pelo ciclo da ditadura militar, os fatos demonstram que não houve interrupção nesse processo de crescimento econômico. Tudo ocorreu com um grande endividamento externo e com uma economia inflacionária difícil de debelar, herança que nos acompanhou até a década de 80, considerada como uma década perdida, quando o crescimento foi insignificante e praticamente devorado pelo “dragão da inflação”.

A criação da EMBRAPA – Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária, no ciclo do milagre econômico (década de 70), representou um salto qualitativo no tratamento científico dos grãos, que foram melhorados e, assim, resistiram ao solo e ao clima seco, como também as pragas que representam sempre uma ameaça à qualidade da safra.

Além da pesquisa, a EMBRAPA, completando o apoio financeiro que os bancos estatais e regionais deram ao pequeno agricultor, soube construir todo um aparato de atendimento ao pequeno e médio agricultor na Região. É sabedor que grandes grupos econômicos diversificaram seus investimentos com as perspectivas oferecidas pela região do cerrado. A criação de gado e o desenvolvimento de uma indústria típica adequada à



agricultura e à pecuária serviram de suporte à política de desenvolvimento ao longo desses quarenta anos.

Outro fator que contribuiu para acelerar esse desenvolvimento foi a construção da Capital do país, o que fortaleceu as atividades financeiras, que continuaram concentradas na Região Sudeste. A explosão imobiliária e a necessidade de abastecer a capital e seu entorno ampliaram as possibilidades econômicas da Região para os médios e pequenos agricultores.

Variadas atividades voltadas para o aproveitamento do potencial da região do cerrado também surgem como novo eldorado econômico, é o caso do turismo (década de 80-90), que ajuda a preservar os potenciais naturais que não foram substituídos pela economia agroexportadora.

O cerrado, hoje, é visto com outro olhar, apesar de ainda existirem comportamentos inadequados e predadores, que não respeitam suas potencialidades, mas as mudanças estão ocorrendo. A capacidade dos afluentes de importantes bacias hidrográficas é uma preocupação constante, em decorrência das atividades agrícolas, que exigem, na lógica do sistema produtivo, um volume muito grande de água para a produção de grãos. O acelerado incentivo dado à produção de grãos para exportação tem sido o estimulador para o processo veloz de redução das potencialidades dos reservatórios de água natural, que, além de abastecer a capital e todo o seu entorno, também precisam socorrer a produção agrícola. O cerrado, geologicamente, representa uma cumeeira de nascentes importantes para o nosso sistema hidrográfico.

A capital do país se abastece de água proveniente de reservatórios localizados a mais de 100 km, isso é muito preocupante, tendo em vista a necessidade de uma nova tomada de decisão, no sentido de preservar os mananciais localizados tanto dentro do Distrito Federal quanto fora dele. A pressão que os reservatórios estão sofrendo, em decorrência do aumento do consumo de água, e os impactos que o ambiente sofre pela expansão populacional, e pela produção agropecuária, são um dos grandes



problemas que se vive hoje na região do cerrado, o que pode provocar um colapso de abastecimento no curto prazo. O quadro a seguir exhibe um demonstrativo da produção da safra de grãos no período de 2006/07, por região, onde se observa que o centro-oeste aparece com uma produção de quase 40 milhões de toneladas, ficando abaixo apenas da região sul (IPEA). O espaço territorial ocupado pela expansão agrícola no centro-oeste é maior e, por conseguinte, os investimentos também são atraídos pela potencialidade da produção.

Os impactos ambientais são uma constante em consequência de carências de natureza econômica e social nas comunidades que se espalham pela região e mesmo próximo às cidades. Diversas atividades extrativas tradicionais ainda permanecem sendo praticadas, como a extração de madeira para a queima de carvão, extração de areia das margens dos rios para a construção civil, lixo industrializado jogado em terrenos baldios e nas áreas de cobertura vegetal. A fiscalização é insuficiente para combater atividades extrativas ilegais contra a flora e a fauna do bioma. Os efetivos estão mais centralizados nos parques estaduais e municipais que ocupam grandes áreas e funcionam de forma precária, sem condições necessárias para combater os invasores e evitar e conter incêndios dentro ou na vizinhança dos parques.

A poluição de afluentes e rios por dejetos de natureza industrial também é uma grande ameaça à riqueza natural, diminuindo o potencial natural do bioma. O gráfico a seguir mostra a safra de grãos por região, de 2006 a 2007.

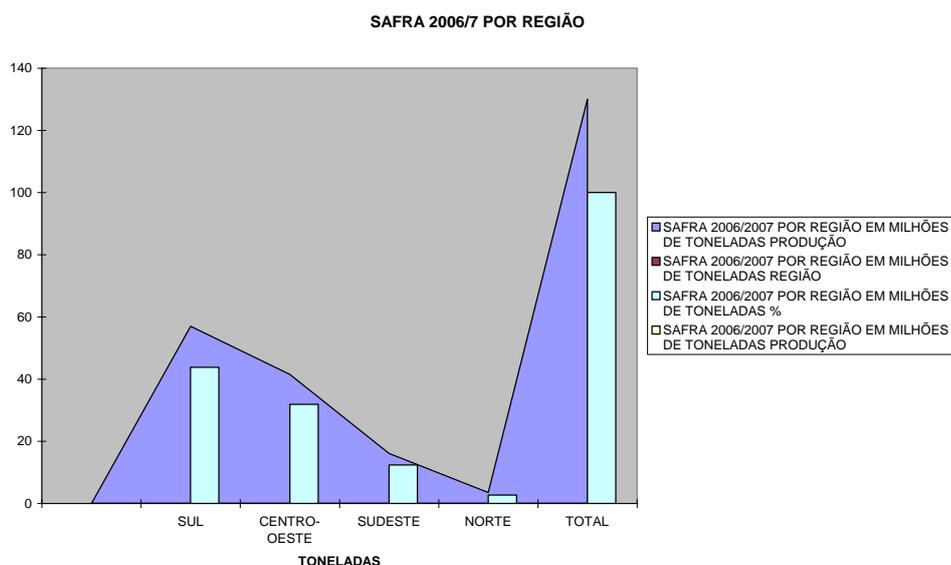


Figura 1 – Gráfico Safra de Grãos por Região

Fonte: Anuário Estatístico do IBGE – 2008.

O surgimento de indústrias voltadas para as atividades de natureza agropecuária denota muito claramente o determinismo econômico de que a região foi alvo nesses últimos cinquenta anos. Desde a década de 30 que o cerrado é visto como um eldorado expansionista, com vistas ao mercado exportador. Todos os governos pós-30 investiram nessa idéia, além de representar um caminho natural para o desbravamento da região norte. O aparato ideológico teve o predomínio claro de colocar o país entre os primeiros exportadores do mundo em agropecuária e seus derivados.

A retirada da cobertura vegetal com objetivos econômicos tem reduzido em muito os recursos naturais. Os nichos ecológicos que ainda se mantêm preservados são utilizados economicamente pelo turismo rural. Uma nova economia tem crescido e demonstrado sua eficácia no sentido de preservar as riquezas naturais do bioma cerrado. A produção de outros bens de consumo também tem crescido comparativamente com outras regiões. Como se vê no quadro a seguir, a participação dos estados da região centro-oeste, em comparação com os demais estados da Federação, demonstra o alto investimento realizado nessa região nas últimas décadas.

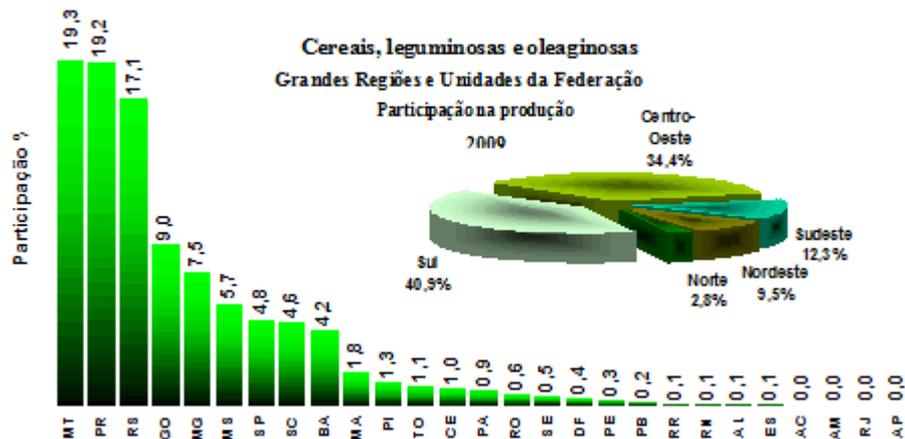


Figura 2 – Gráfico Grãos por Região

Fonte: IBGE – 2009.

Além da expansão agroindustrial, acontece também a expansão urbana de muitas regiões. Estes processos servirão como porta de entrada e saída de produtos, gerando empregos e ampliando o comércio. O mercado exportador de grãos hoje tem um peso considerável das atividades produtivas praticadas na região centro-oeste.

O determinismo econômico que o Estado-Nação visualizou nos últimos setenta anos representa um objetivo claro de manter o Brasil inserido no mercado exportador. Essa definição de política econômica foi seguida tendo em vista a necessidade de fortalecer o Brasil no mercado exportador, gerando com isso um novo mundo para a realidade rural. O grande latifúndio modernizou-se com capital diversificado. São investimentos externos e dinheiro interno, subsidiado pelo BNDES.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos observar, no gráfico anterior (pág. -11), que o Estado do Mato Grosso deve suplantar o Estado do Paraná em 2009, tornando-se, segundo esse levantamento, o maior produtor nacional de grãos. Mais uma vez vêm as perguntas: deve-se esse crescimento ao grande potencial hídrico do aquífero guarani, localizado na região, e, ultrapassando as

Inserção capitalista do Brasil a partir da exploração econômica do cerrado

Karl Marx de Medeiros



fronteiras brasileiras, atingindo área internacional, poderá se tornar uma ameaça a longo prazo e vir a ser motivo de guerra na busca de água?

O Brasil é privilegiado pelo território que tem e pela sua riqueza natural. Muito foi destruído e desperdiçado ao longo dos últimos séculos, mas, felizmente, nem tudo foi destruído. Como o próximo mapa demonstra, há um mar interior e subterrâneo capaz de abastecer as nações da Bacia do Prata.



Figura 3 - Ilustração do Equífero Guarani

Fonte: <http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/meio-ambiente-agua/imagens/aquifero-guarani-17.jpg> 18.12.09.

Esse manancial de riqueza hídrica, ao mesmo tempo em que fascina, preocupa, tendo em vista que precisamos de ciência e tecnologia engajadas num processo de economia sustentável, que envolva toda a comunidade dos municípios da região na nobre missão de usar e preservar para as gerações futuras. A educação é um fator primordial para criar uma nova relação com o meio ambiente. A política econômica, no nível macro, deve buscar alternativas que reduzam os impactos ambientais. A condição privilegiada do cerrado, com uma característica de



relevo mais plana e sendo um corredor para exploração econômica da Amazônia, deve ser tratada nos parâmetros sociais físicos e da sua biodiversidade, com o melhor de ciência que se possa desenvolver. Os estudos realizados, por meio da criação de centros de excelência na região, devem fazer uma ligação com os setores empresariais exportadores, no sentido de aproveitar todos os potenciais da biodiversidade da região, sempre tendo o cuidado de reduzir, ao máximo, os impactos provenientes de atividades econômicas e sociais. Esse é o mote como processo de impulso para o desenvolvimento sustentável.

Considerando irreversível o processo de exploração econômica da região, acredito na possibilidade da sustentabilidade social como fator dominante para buscarmos novas alternativas para a exploração capitalista em busca do lucro, mas sem impactar o meio ambiente.

Como o mapa anterior pode demonstrar, a expansão do nosso mar interior ultrapassa fronteiras que exigem uma interação com nossos vizinhos, no sentido de criar uma política comum de exploração e desenvolvimento para a região. O cerrado representa o encontro de todas as bacias hidrográficas do país. Por ele podemos explorar todos os potenciais hidrográficos e verificar a importância da sua biodiversidade como suporte de todo o equilíbrio para os ecossistemas do país, optando por um desenvolvimento sustentável.

É, portanto, inegável que a exploração agrícola desse relevante bioma, rico em biodiversidade, tem contribuído para a balança comercial nos últimos vinte anos. As importações têm batido recorde constante, o que prova a eficácia da implantação agropecuária na região, apesar da grande retirada da cobertura vegetal original. Outras atividades econômicas devem ampliar-se na região, é o caso da economia do turismo, que tem se ampliado a cada ano (veja a tabela a seguir).



Tabela 1 – Crescimento do Turismo na Região Centro-Oeste

| ESTADOS | VISITANTES POR ANO | GASTO -1 | RENDIMENTO ANUAL (2) | EMPRESAS DE TURISMO (3) | VÔOS -4 | VÔOS -5 | ÔNIBUS (6) | RESTAURANTES -7 | HOTÉIS E QUARTOS -8 |
|----------------------------|-----------------------|---------------|----------------------|-------------------------|--------------|----------------|------------|--------------------|------------------------|
| REGIÃO CENTRO-OESTE | | | | | | | | | |
| Distrito Federal | 1.100.000 | 350 | 2.006 | 4.406 | 882 | 125.545 | 227 | 5.406 | 50 / 6.661 |
| Goiás | 2.060.000 | 67 | 1.023 | 4.910 | 73 | 42.537 | 287 | 5.592 | 199 / 7.761 |
| Mato Grosso | 530.000 | 93 | 477 | 2.625 | 122 | 34.671 | 107 | 3.814 | 120 / 3.831 |
| Mato Grosso do Sul | 1.000.000 | 90 | 417 | 2.415 | 1.189 | 24.017 | 98 | 2.339 | 129 / 3.453 |
| TOTAL DA REGIÃO: | 4.690.000 | 150,0* | 3.923 | 14.356 | 2.266 | 226.770 | 719 | 17.151 | 498 / 21.688 |

Fonte: http://www.portalbrasil.net/2008/reportagens/turismo_no_brasil_estados.htm

Observações da tabela:

- (1) Total de visitantes no estado, por ano – turismo interno e externo;
- (2) Gasto per capita em Reais (R\$), por dia;
- (3) Faturamento bruto da indústria do turismo em Reais (R\$), por ano;
- (4) Quantidade de voos internacionais, por ano (comerciais, *charters* e táxi aéreo);
- (5) Quantidade de vôos nacionais, por ano (comerciais, *charters* e táxi aéreo);
- (6) Quantidade de linhas regulares de ônibus interestaduais;
- (7) Quantidade de restaurantes registrados;
- (8) Quantidade de hotéis e *flats* registrados / total de quartos e apartamentos.

A visão aqui apresentada procura lançar uma luz sobre o desenvolvimento em áreas que estão ameaçadas de desaparecimento. A economia do turismo constitui uma oportunidade para o centro-oeste de repensar formas sustentáveis para o desenvolvimento da região. O número de turistas que demandam a região tem aumentado ano a ano, ativando a economia em vários setores, como o de serviços, por exemplo. Os investimentos nessa região têm aumentado consideravelmente, dado o grande atrativo de suas riquezas naturais. O bioma cerrado, que tem sido muito agredido com agressões constantes, tem apresentado grande revitalização nas últimas duas décadas. Nem tudo está perdido.

Inserção capitalista do Brasil a partir da exploração econômica do cerrado

Karl Marx de Medeiros



REFERÊNCIAS

- BRUSEKE, Franz Josef. Ambiente e Sociedade. Ed. Unisinos. São Paulo. 1995
- CANTER, Edmund. The Chemical Changes in the Biotic. Ed. Bookread. USA. 1977, p. 23
- CAPRA, Fritjof. *As Conexões Ocultas*. Ed. Cultrix. São Paulo. 2002.
- IBGE, Anuário Estatístico de 2009.
- LIMA, Sebastian Cory. Environment and Man. Ed. Bookread. USA.1997
- MOURA, Luiz Antonio Abdalla de. *Economia Ambiental e Gestão de Custos*. Ed. Juarez de Oliveira. São Paulo. 2002.
- OURIQUES, Robert H. The Places and Human. Ed. Bookread. USA. 1998, p. 86
- Portal Brasil: <http://www.portalbrasil.net/18.10.2009>.
- SACHS, Ignacy. Desenvolvimento Sustentável. Ed. Garamond. São Paulo 2005.